

DA ACOLHIDA SOLIDÁRIA À HOSPITALIDADE COMERCIALIZADA

O Turismo na Chapada Diamantina

Francisco Emanuel Matos Brito *

Neste artigo, além de realizamos uma breve retrospectiva histórica sobre a viagem e o turismo, também abordamos as mudanças experimentadas pela acolhida e pela hospitalidade tanto nos primórdios da viagem e a partir do advento do turismo, quanto na análise de uma situação concreta, tomando como exemplo a Chapada Diamantina.

Na sua conotação religiosa a acolhida dos visitantes por parte dos hospedeiros se configurava num ato de bondade ou caridade. Mas, com o passar do tempo e com as mudanças ocasionadas nos costumes, alterações significativas se farão presentes nos vínculos estabelecidos entre os visitantes e visitados. Vale dizer que as viagens começaram sob a forma de peregrinações e “todas as religiões estimularam as viagens na crença de que são boas para a alma”(Zeldin, 1996, p.272). Mesmo durante as peregrinações, a relação entre visitantes e visitados nem sempre se

pautava pela relação de solidariedade, transformando-se, muitas vezes, num encontro marcado por pesadas doses de comercialismo e exploração.

Senão vejamos: do século XI ao XIV observa-se a ocorrência de peregrinações responsáveis pelo deslocamento contínuo de multidões para locais sagrados, a exemplo de Santiago de Compostela, Roma, Meca, Terra Santa, Canterbury, etc. Tais peregrinações, que mesclavam quase sempre “devoções religiosas com cultura e prazer” (Urry, 1996, p. 19), foram responsáveis pela criação de um grande número de hospedarias nestes centros religiosos e fizeram de Veneza um centro turístico no final da Idade Média por causa dos peregrinos que lá paravam com destino a Jerusalém.

Como o tempo de permanência variava com a condição do vento, pouco a pouco os peregrinos foram descobrindo em Veneza as “coleções de relíquias sagradas, entre outras coisas. Pelo século XV, as estalagens de Veneza já competiam pelo negócio

turístico, e a autoridade municipal teve que intervir para garantir que os cambistas não se aproveitassem dos visitantes” (Burke, 1996, p. 9), prenunciando, já nesta época, muitos problemas ocasionados pelo turismo que continuam vigorando até nossos dias.

DO GRAND TOUR AO ADVENTO DO TURISMO

Mas será com o advento do *Grand Tour*, em meados do século XVI - uma grande viagem com duração de um a dois anos - que os aristocratas ingleses estimulam seus filhos a se deslocarem para o continente europeu com o objetivo de complementar os estudos entrando em contato com o cotidiano e a cultura dos povos de outros países, adquirindo como saldo, o aprendizado e a experiência de vida necessários àqueles que, mais tarde, viriam a fazer parte da classe dirigente inglesa. Este tipo de viagem também estimulava o

contato dos jovens aristocratas com pessoas influentes, indicava um roteiro básico do que visitar, o conhecimento da língua do país visitado e se aconselhava que a viagem fosse acompanhada de um tutor, que tinha dentre as atribuições, realizar a mediação na acolhida e na relação estabelecida entre os jovens visitantes e as pessoas dos locais visitados.

A generalização deste hábito (*Grand Tour*), além de contribuir para a institucionalização de novos gostos entre as classes mais abastadas, também ensejará a criação e proliferação de hospedarias, nem sempre dotadas das qualidades requeridas e tampouco do padrão de hospitalidade recomendado – e por este motivo rejeitadas pelos aristocratas – para abrigar com o mínimo de conforto os viajantes. Sobre o tema em foco revelam-se importantes as cartas do ‘jovem’ músico clássico Wolfgang Mozart nas quais ele narra os percalços da viagem, as condições e o tipo de acolhida dispensado aos visitantes nas hospedarias e, apesar dos pesares, reafirma o fascínio pelas viagens:

encontramos no nosso caminho a sujeira repelente das ruas, [...] e a mediocridade dos albergues [...]. O quarto que ocupamos na última noite, em Nocera, tinha um odor infecto de vômito, [...] Meu pai [...] foi falar com o albergueiro. [...] Do quarto, ouvi o dono vociferar num horrível linguajar que era aquilo ou nada, e que, se meu pai não estivesse satisfeito, encontraria facilmente alguém que pegaria o quarto em nosso lugar e de bom grado! [...] Finalmente, apesar das contrariedades, não há nada que me entusiasme mais que esta vida errante nas estradas! (David, 1995, p.54).

O surgimento da revolução industrial, nas décadas finais do século XVIII, o desenvolvimento dos meios

de transporte e comunicação, a melhoria das condições de trabalho aliada ao reconhecimento dos direitos sociais dos trabalhadores vinculados ao tempo livre e à organização do mercado de viagens, possibilitaram a emergência e o desenvolvimento do turismo, proporcionando a realização de viagens mais baratas e tornando acessível o deslocamento turístico a um número maior de pessoas para uma quantidade cada vez maior de lugares.

O TURISMO E A RELAÇÃO VISITANTES / VISITADOS

Na década de 60, o empresariado turístico internacional apresentou o turismo de massa aos países do terceiro mundo como uma opção de desenvolvimento que não demandava altos investimentos em infra-estrutura e uma atividade que dependia, sobretudo, de recursos naturais com os quais estas áreas já contavam abundantemente, a exemplo do sol, praia, além da presença de pessoas acolhedoras e hospitaleiras.

Em muitos destinos turísticos de países do terceiro mundo, a relação entre turistas e moradores é marcada pelo encontro entre desiguais, tanto em termos culturais, quanto e, sobretudo, em termos econômicos, observando-se, muitas vezes, a presença de um lado, de turistas endinheirados e, de outro, da população local pobre. Com respeito às atitudes dos habitantes das localidades com relação aos turistas, Doxey (1975, *apud* Mathieson e Wall, 1996, p.138) apontou quatro tipos de reações: 1- *euforia*. Quando as pessoas [...] acolhem bem o turista e há um sentimento de satisfação mútua. Existem oportunidades de emprego para os residentes e o dinheiro chega juntamente com a

chegada dos turistas; 2 - *apatia*. A indústria turística se expande e as pessoas tomam o turista como um alvo para obtenção de lucro fácil, levando assim os contatos pessoais a se tornarem mais formais; 3 - *irritação*. A atividade turística se aproxima do nível de saturação, não dispondo de equipamentos para atender ao aumento do número de turistas; 4 - *antagonismo*. A irritação se torna mais aberta e o turista além de rejeitado, passa a ser culpado por todos os problemas da comunidade. (tradução nossa).

Recentemente, observa-se o registro crescente de queixas de moradores de paraísos turísticos de “Trinidad à Tailândia que estão procurando formas de impedir que eles sejam esmagados pela crescente multidão de turistas em férias” (Theil, 2002, p.45) (tradução nossa). Em Maiorca, os moradores reagiram convidando os turistas a irem embora, culpando-os pelo “acionamento da água, agravamento da poluição, multiplicação dos grandes hotéis e pela perda de status do espanhol que passou a ser a segunda língua falada na maior parte da ilha” (*idem*) (tradução nossa).

As cidades de Veneza e Florença estão cobrando taxas sobre determinados serviços e, até mesmo, desencorajando a visita daqueles turistas que adquirem ‘pacotes’ e compram poucos produtos locais, chegando ao extremo de negar acolhida ao mandar embora os visitantes de um dia para garantir o suprimento dos hotéis cinco estrelas, conforme procedimento do Prefeito da ilha de Capri que justificou a opção preferencial pelos turistas ricos, afirmando: “eu não posso prejudicar nossos hotéis cinco estrelas, que hospedam turistas que gastam milhões de liras a cada dia” (Feroohar, 2002,

p. 37) (tradução nossa). O fato curioso é que essas multidões de visitantes que o empresariado turístico e os governos desejam hoje manter à distância - com o objetivo de franquear o acesso aos turistas endinheirados e com o perfil de grandes gastadores - são as mesmas que foram estimuladas e atraídas por estes agentes, através da propaganda e das ofertas de pacotes, para superpovoar estes destinos que hoje estão lhes fechando as portas.

A IGREJA, A ACOLHIDA E O TURISMO

A Igreja Católica representa um capítulo à parte na sua relação com a atividade turística. O Arcebispo de Cantuária citado por Urry (1996, p.5) afirma que “na Idade Média as pessoas eram turistas devido a sua religião, ao passo que hoje elas são turistas porque o turismo é sua religião”. Quando fala dos tempos atuais dizendo que ‘o turismo se transformou na religião dos viajantes’ ele evoca tanto a concepção defendida por Mac Cannell (1976) de que o turista de hoje seria um peregrino que, ao invés das imagens sagradas, teria como objeto de adoração as principais atrações turísticas distribuídas pelas várias cidades do mundo, quanto a idéia de Graburn (1989) que concebe o turismo como uma viagem sagrada.

Desde 1969, através do documento *Peregrinans in terra*, a Igreja vem acompanhando mais de perto o desenrolar do turismo. Decorridos mais de 30 anos, esta instituição publicou um documento intitulado *Orientações para a Pastoral do Turismo* cujo objetivo é “colaborar para que tanto paróquias como dioceses tenham sensibilidade e mais que isto, subsídios para elaborarem em nível local os seus planos de pastoral

envolvendo a questão do turismo” (SEDOC, 2001, p.270).

Ciente dos problemas ocasionados pelo turismo, a Igreja afirma que aquelas pessoas que promovem ou desfrutam desta atividade, “com frequência, a utilizam como meio para seus propósitos ilícitos, como instrumento de injusta exploração, como ocasião para a agressão às pessoas, às culturas ou à natureza” (*idem*, 282-283). Como forma de salvaguardar os direitos das pessoas, a Igreja propõe que o turismo

se pautar pela corresponsabilidade, pela qual os operadores turísticos, as autoridades políticas e a comunidade local devem participar conjuntamente em seu planejamento e na disposição de benefícios (*ibidem*, p. 289-290).

A participação ativa no processo de planejamento do turismo e, também na discussão da repartição dos benefícios, são desafios importantes a serem enfrentados pelas populações dos destinos turísticos. Para as comunidades que recebem turistas, além das precauções, o documento faz considerações sobre a atitude básica que devem ter: a da acolhida, colocada como o “núcleo central da pastoral do turismo”, pressupondo tanto uma relação mais próxima entre visitados e visitantes, quanto a participação destes últimos no cotidiano da comunidade:

esta acolhida dos turistas na comunidade deve ser organizada de tal maneira a facilitar a participação integrada da comunidade residente com os visitantes. A acolhida dos visitantes não deve, porém, se restringir à celebração conjunta da eucaristia. Os visitantes também devem se sentir convidados a participar de outros momentos da vida da comunidade (Berkenbrock, 2007, p.1).

A Igreja, além de manter uma missão de Observação Permanente

diante da Organização Mundial do Turismo, compartilha com esta entidade “os princípios que inspiram o Código Ético Mundial do Turismo e participa, a cada ano, da Jornada Mundial de Turismo promovida pela OMT, inspirando-lhe um sentido espiritual com a Mensagem do Papa” (SEDOC, 2001, p.307). Pode-se afirmar que as críticas feitas pela Igreja ao sistema turístico concernentes ao respeito que este deve dispensar às populações dos destinos turísticos e à responsabilidade com o meio ambiente, também fazem parte da plataforma de lutas de várias ONGs e das entidades de estudiosos do turismo.

A ACOLHIDA E A HOSPITALIDADE NA CHAPADA DIAMANTINA

Data do início do século XVIII o processo de ocupação socioeconômica da Chapada Diamantina motivado, sobretudo, pela expansão da corrida do ouro e, depois, pela exploração diamantífera, que tem início em 1818, ocasionando a criação do município de Mucugê (1847) e, posteriormente, dos municípios de Andaraí (1884), Lençóis (1856) e Palmeiras (1890) que conformariam o celeiro mineral das *Lavras Diamantinas*, como também estabeleceriam os limites da região que passou a ser caracterizada como Chapada Diamantina.

Atualmente, a Chapada Diamantina é uma das 15 (quinze) Regiões Econômicas do Estado da Bahia, situa-se no centro do território baiano, é composta por 33 municípios distribuídos numa superfície de 41.756,1 km² e conta com uma população aproximada de 504.040 habitantes. Desde o momento em que

se consuma o processo de decadência da economia mineral, nas primeiras décadas do século passado, resta à Chapada Diamantina o seu patrimônio arquitetônico e natural representados pela imponência do casario, exuberância das quedas d'água, cavernas, fauna, flora, que antes, considerados sem importância, foram mais tarde ressignificados e valorizados, passando a constituir o elenco de atrações disponíveis que acabaram promovendo a reconversão econômica dos municípios desta região à atividade turística.

Até o final dos anos 70 a população tinha muitas restrições à atividade turística. Hoje, desesperançada com o ocaso do garimpo de diamante, e diante do fortalecimento gradual do turismo, há sobretudo, entre os mais velhos, uma atitude que é um misto de sentimento de tolerância e resignação, conforme atesta o depoimento de um velho garimpeiro¹ de serra “a gente aceita o barulho pelo movimento no comércio e pela sobrevivência”. Apesar da hospitalidade ser uma virtude dos moradores da Chapada Diamantina - inclusive reconhecida pelos visitantes e vendida como atração pelos agentes turísticos - entre os diversos atores sociais ligados ao turismo, esta vem sendo substituída por uma relação marcada pela comercialização excessiva, na qual o turista é colocado na condição de alvo para a exploração e obtenção de lucro fácil.

Isto ocorre desde o momento em que o turista chega a Lençóis no ônibus às 4h30 ou às 13h30 pensando que está a dois passos do paraíso, ainda sonhando com as belezas que verá. Ao transpor o último degrau do ônibus, ele protagoniza o vexatório espetáculo de “caça ao turista”. É abordado e, até mesmo, assediado por intermediários que ganham percentagem de donos de

pousadas, por proprietários de agências de viagem e de pousadas que fazem chegar às mãos do turista cartões contendo propaganda dos estabelecimentos, acompanhada, invariavelmente, de comentários pouco elogiosos sobre os concorrentes.

Depois de passar a ter a exata medida das expectativas de grande parte do pessoal ligado ao negócio turístico em relação a ele, o turista volta a ser abordado nas principais ruas da cidade por guias não credenciados, que mostram fotografias dos atrativos, cobram um preço mais barato e assumem compromissos que não serão cumpridos. Mais preocupado com a redução do preço a ser pago e pouco interessado em verificar a idoneidade do guia junto à Associação dos Condutores de Visitantes de Lençóis (ACV-L), o turista acaba tendo uma experiência frustrante.

Atentos a esta situação e buscando prevenir o surgimento de problemas, alguns proprietários de pousadas, evocando traços da verdadeira acolhida e hospitalidade, responsabilizam-se pela segurança do turista, prestam as informações necessárias, orientam sobre os tipos de cuidados a serem tomados, impedem que ele faça passeios com guias não confiáveis e indicam o condutor que deve acompanhá-lo.

A relação entre os moradores e os turistas estrangeiros destituída de interesse comercial direto, ocorre quando os segundos andam pela cidade. Neste trajeto, quando ocupam o mesmo espaço físico dos moradores, observa-se de parte a parte a colocação em prática do olhar de zoológico tanto do morador sobre o turista, quanto vice-versa. O turista vê a população local como um grupo exótico; no entanto, o verdadeiro exótico é o próprio turista, pois está visitando um espaço do qual ele não é parte

integrante, um território que não lhe pertence. O comportamento ostensivo de determinados turistas contribui para que boa parte dos moradores, sobretudo os mais jovens, façam a imagem de que o turista é uma pessoa endinheirada que leva a vida gastando e não trabalha, contribuindo assim para o forte comercialismo presente na relação entre moradores e turistas.

A presença de turistas também interfere no dia-a-dia daquelas localidades cujos moradores vivem do turismo e também da agricultura. No Vale do Capão, os habitantes da vila se queixam do barulho porque levantam cedo para trabalhar na roça. De acordo com uma moradora², devido ao fato do Vale do Capão ter se transformado no paraíso dos jovens, “que ouvem som alto até duas/três horas da manhã e aceleram fundo num lugar de muitas crianças, a Associação dos Moradores do Capão estabeleceu uma série de recomendações a serem adotadas pelos turistas em visita à localidade”, que foram afixadas publicamente.

O Vale do Pati é outro exemplo de localidade receptora de fluxo turístico. Os moradores do Pati envolvidos com o turismo, trabalham com hospedagem e alimentação. Além do aluguel de animais para o transporte dos turistas e do serviço de guia, realizado por alguns jovens, observa-se ainda como fonte de renda da localidade a existência de um *camping* e a venda de frutas e verduras, cuja produção familiar está sendo cada vez mais dirigida para atender ao consumo turístico. Os patizeiros reinvestem os ganhos obtidos com o turismo na reforma das casas, equipando-as com novos quartos, camas e colchões buscando assim aumentar o número de leitos disponíveis para receber um maior contingente de turistas.

Por ser uma localidade onde todos se conhecem, os moradores têm exercido um controle maior sobre a atividade turística. A falta de energia elétrica se de um lado reforça o 'primitivismo' da localidade, de outro restringe as opções noturnas no Pati, condicionando moradores e turistas a dormirem pouco depois das 20 horas. Este fato que para os não moradores significa um recolhimento precoce, para os patizeiros é visto como normal, uma vez que está inscrito nas suas práticas cotidianas o hábito de dormir "com as galinhas" para acordar cedo na manhã seguinte e dar continuidade ao trabalho na agricultura, ainda a principal forma de garantir a reprodução da unidade familiar. Já os turistas também utilizam a seu favor o fato de dormir cedo para o (re)início das caminhadas junto com os primeiros raios solares. Algumas vezes, registra-se a ocorrência de barulho durante a noite no Pati. Quando a intensidade passa a incomodar, os moradores mais velhos reclamam e são atendidos.

A relação entre turistas e moradores é marcada pelo respeito à cultura local, admiração e hospitalidade. Esta relação também é pontilhada por alguns episódios de transgressão dos valores da comunidade que tem se mostrado contrária a determinadas práticas externas, a exemplo do episódio no qual alguns turistas fumaram maconha na casa de um morador, forçando-o a reagir e colocar o aviso "aqui não se fuma". Por pressão dos moradores um casal de fora que trabalhava na escola da localidade e era praticante do Santo Daime, foi expulso por ter oferecido aiasca para os jovens do Pati.

Com respeito ao morador da região, vale mencionar a mudança verificada na acolhida a este visitante, sobretudo em Lençóis. Antes de

meados dos anos 90, quando a Chapada Diamantina ainda não havia sido preparada para um tipo de turismo mais elitista, o preconceito contra o visitante regional era inexistente. A partir do momento em que Lençóis se torna um destino ligado a um "tipo de turismo que pressupõe a realização de passeios e a prática de esportes na natureza, o visitante regional passa a ser vítima do preconceito e estigmatizado como 'farofeiro'" (Brito, 2005, p.303).

Nesta cruzada anti-farofeiros, juntam-se os moradores e, principalmente, muitos proprietários de estabelecimentos comerciais, contra um visitante que sendo da própria região, é colocado na condição de estrangeiro. Para estes empresários, o chamado 'farofeiro' representa um tipo de visitante a ser excluído, por consumir muito pouco, encontrando-se, portanto, em desacordo com a nova característica econômica de turista requerida para a região. Segundo um proprietário³ de pousada "eles chegam, trazem a farofa, usam e sujaram as ruas da cidade e vão embora sem consumir". Por não desejarem dividir a cidade com os farofeiros e como não podem impedi-los de visitá-la, os agentes econômicos juntamente com o poder público municipal, propõem a instalação de um pórtico na entrada da cidade, local de controle de acesso, onde se recomendará a estes visitantes que tipo de comportamento devem adotar durante a visitação.

Caso esta proposição se concretize, teremos a consolidação de uma situação semelhante àquela enfocada por Bauman (1999, p. 95-98), sobre o tratamento dispensado aos deslocamentos dos habitantes do primeiro e do segundo mundo. Para os primeiros, o fato de serem turistas com maior poder aquisitivo, e de terem maior ou menor afinidade com os códigos de

conduta, representa a senha para que eles mantenham as portas da cidade escancaradas e sua presença seja altamente bem-vinda. Para os 'farofeiros' a 'exigência do consumo compulsório', a 'obediência à questão ambiental', a 'necessidade de manter as ruas limpas', são fatores que tornam as portas de entrada da cidade mais difíceis de serem transpostas por eles, os indesejáveis.

Mesmo aquele turista regional não caracterizado como farofeiro que vem fazer curso em Lençóis, sofre a discriminação desde o momento em que salta do ônibus e sai tendo a presença ignorada enquanto os brasileiros de outras partes do país e, sobretudo, os estrangeiros são assediados. Segundo um turista regional⁴, esta discriminação continua a ser praticada

no comércio, em bares e restaurantes frequentados, principalmente, pelos turistas. No Grizante, a prioridade vai para os turistas estrangeiros e de outros estados - que mal sentam à mesa e já são procurados pelos garçons - enquanto nós precisamos solicitar o atendimento.

CONCLUSÃO

Longe de ser uma atividade benemerente, o turismo envolve uma relação entre visitantes e prestadores de serviços, mediada pelo dinheiro e que tem como objetivo a obtenção do lucro, em algumas situações, de forma exorbitante. Sob a influência do turismo, a hospitalidade e a generosidade das pessoas são veiculadas nos catálogos das agências de viagens, transformando-se, assim, em elementos de atração dos destinos turísticos.

Os moradores de Lençóis, embora sempre desconfiados, tratam bem e vêm mantendo boa relação com os

turistas de diversas partes do Brasil e com os estrangeiros. Falando deste encontro entre os moradores e os turistas, o Padre da cidade faz uma crítica contundente que segue a mesma linha das observações da Igreja contidas no Documento *Orientações para a Pastoral do Turismo* (SEDOC, 2001). Segundo ele⁵:

é um encontro marcado pela agressividade, não há respeito à cultura local, à natureza[...]. Os nativos não tiveram tempo, o turismo chegou de maneira muito precoce e a comunidade até então não estava preparada para o novo. Não tendo consciência do que é, ela não tem preparação profissional, cresce cada vez mais o número de desempregados, a fome e as drogas.

Considerando os diferentes grupos de moradores e os contatos diferenciados mantidos com os diversos tipos de turistas, observa-se a ocorrência de níveis de reciprocidade distintos entre as partes envolvidas. Apesar de alguns problemas registrados no encontro de pessoas de cultura e nível econômico diferentes e levando em conta a hospitalidade dos moradores, foram identificados alguns importantes exemplos de retribuição dos turistas, traduzidos na ajuda à tramitação de documentos de moradores de Lençóis com vistas à obtenção de aposentadoria, o envio mensal de doações destinadas à manutenção de crianças carentes, a expedição de cartas de agradecimento para os donos de pousadas, a remessa de presentes para alguns guias e a doação de placas solares, aparelho de televisão e vídeos com conteúdos sobre o meio ambiente para a escola do Vale do Pati, contribuindo para que os moradores da localidade ampliem as informações e os cuidados com a natureza.

Vale dizer que apesar da venda da acolhida e da hospitalidade como

motivadores das visitas aos lugares por parte dos agentes turísticos, a maneira como se encontra estruturada a recepção turística - na qual, muitas vezes, os turistas ficam nos meios de hospedagem mais sofisticados como se estivessem confinados numa 'bolha ambiental', utilizando todo o tipo de serviço oferecido pelos funcionários e pelos guias durante os passeios - restringe, quando não impede, que haja espaço para o contato, acabando por promover a segregação entre os turistas e a população local.

Mas viajar não pode se resumir a ter o conforto de casa fora de casa, numa situação de confinamento. Também pressupõe a visita às atrações turísticas e não turísticas dos lugares. Embora se viva num mundo globalmente complexo em que a acolhida e a hospitalidade estão se tornando artigo raro - ainda que seja um desejo alardeado por muitos e, na realidade uma concretização de poucos - faz-se necessário o contato, a interação social entre estranhos, visitantes e moradores, bem como experimentar os efeitos produzidos em cada uma das partes neste tipo de encontro.

***Francisco Emanuel Matos Brito é Doutor em Ciências Sociais e pesquisador do Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais (NUCLEAR) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.**

Notas

1. Entrevista realizada em 15.11.2002
2. Entrevista realizada em 15.02.2003
3. Entrevista realizada em 19.12.2002
4. Entrevista realizada em 18.12.2002
5. Entrevista realizada em 20.11.2002

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt
(1999) *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro,

Jorge Zahar Editor.

BERKENBROCK, Volney

(2007) *Pastoral do turismo: um desafio à evangelização*. Disponível em: <<http://www.itf.org.br>>, capturado em 13 fevereiro.

BRITO, Francisco E. M.

(2005) *Os Ecos Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina*. Salvador, EDUFBA.

BURKE, Peter

(1996) "Uma multidão de curiosos". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 janeiro, Caderno Mais, p. 9.

DAVID, Marc

(1995) *Farineli: memórias de um castrato*. São Paulo, Scritta.

FOROOHAR, Rana

(2002) "Travel & Tourism: Getting Off the Beaten Track". *Newsweek*. New York, July 22-29, p.34-38.

GRABURN, N.

(1989) "Tourism: The Sacred Journey". In: SMITH, V.L. (org.) *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*. 2ª ed. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, p.21-36.

Mac CANNELL, Dean

(1976) *The tourist: a new theory of the leisure class*. New York, Schocken Books.

MATHIESON, A. e WALL, G.

(1996) *Tourism: economic, physical and social impacts*. London, Longman.

SEDOC

(2001) *Orientações para a Pastoral do Turismo*. Petrópolis, Vozes, v. 34, nº 289, nov - dez, p. 270-316.

THEIL, Stefan

(2002) "Getaway? Go Away!". *Newsweek*. New York. July 22-29, p.45-46.

URRY, John

(1996) *O olhar do turista: viagens e lazer na sociedade contemporânea*. São Paulo, Studio Nobel/Sesc.

ZELDIN, Theodore

(1996). "Como os viajantes formam a maior nação do mundo, e como aprendem a não ver apenas aquilo que procuram". In: _____. *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro, Record, p.268-280.